

CONCLUSÃO

A conclusão indica o movimento da Vida como resultado da constante interação entre os equilíbrios dinâmico estático, traduzindo a interação entre nossas funções psíquicas, polares, duas a duas, a saber: pensamento / sentimento e intuição / sensação. Traduzindo o religare do ser humano como nos traduz Maturana: somos mamíferos e seres afetivos por excelência. Referir-se aos próprios sentimentos e os do outro deve envolver um ritual de passagem que é a marca da Arteterapia; ou seja, enquanto saber, busca promover a restauração do rito de passagem, do pensamento mítico, próprio da linguagem da Arte. É a expressão da semente da Gratidão em todo o Universo.

A imagem plástica que pode simbolizar essa relação poderia ser a de um bambuzal que se curva, numa movimento íntegro diante do vendaval e retorna à sua posição original. Bem como a de uma paliçada feita por bambus, onde a aparente desarmonia é harmonia quando observamos a situação com altura, largura e profundidade. A imaginação criadora deve se iniciar com a libertação do espírito, através da elevação de nossos sentimentos. É o religare do homem com sua essência, portanto, a parte espiritual diretamente ligada à materialidade. A missão ou essência, sendo o mais básico, é compreendida pela função e realizada pela forma. A gestalt do objeto seria feita pela interação dos movimentos dinâmico e estático.

A proposta do Design e da Arteterapia é a materialidade ou seja, a concretização da exposição de nosso *sentir, pensar e fazer*, de modo o mais freqüente possível, para que o movimento individual seja parte constante num grande Todo.

É a mensagem do fractal, um visor, um gesto isolado, uma pincelada, um passo na dança da vida, uma modelagem, uma escultura que deve ser constantemente banhado na realidade do pertencimento a um grande Todo. O instrumento principal da presente pesquisa são as dinâmicas arteterapêuticas com base na Pedagogia do Design, representadas pela relação missão ou essência, função e forma.

A utilização de material biológico como o bambu e as flores, deve evocar formas influentes como uma ressonância de nossos próprios organismos, na Grande Natureza e vice-versa. Ou seja, nossos pontos de vista deveriam ser sempre trocados para que haja o diálogo sincero. Lembrando o sentido de sinceridade, diferente de franqueza: o respeito aos nossos sentimentos. O “sucesso”

de uma materialidade é tecido por todas as partes envolvidas, como diz o bambu que se curva diante do vendaval, num movimento íntegro.

A arte funciona como mediadora da razão e primeiro pensamento que nos vem é o da Arte, já que somos seres sensíveis impulsionados pelo sensório-motor. Somos um organismo, como o bambuzal ilustra, só que nossa cultura material nos afastou excessivamente dessa realidade; passamos só acreditar no que vemos e tocamos de imediato, esquecendo-nos de conjugá-lo à tríade que somos: espírito / mente / corpo.

Compreendendo-nos como espíritos materializados, a manifestação da Vida precede a representação de nossos gestos, a concretude de nossos pensamentos, sentimentos, intuições e sensações, relacionados a uma ordem cósmica, indo do caos à ordenação. Como mente compreende-se o movimento de nossos pensamentos e sentimentos, o objeto mental, o cérebro elaborado. Como corpo, o movimento sensorial, narrado por nossos sentidos físicos. Somos seres sensíveis, impulsionados pelo sensório-motor.

Pela relação descrita pelo Neurodesign, o objeto concreto que representa essa materialidade é a treliça pantográfica que contém o objeto mental, pela elaboração das marcas das varetas do bambu, o nó “ômega” que junta, aglutina o movimento inserido por elas. É o ponto analítico que precede a intuição demonstrada pelos movimentos de “abrir e fechar”; esses traduzem os estados de flexibilidade e maleabilidade, sucedendo-se ao infinito, se for essa a necessidade.

O movimento contínuo da Vida celebrado pelo amor, pela solidariedade, lembrando Fernando Pessoa que nos diz que “nada do que é nosso nos exclui” e , Gandhi que relaciona o vôo aparentemente frágil de uma borboleta, ao movimento delicado de nossas relações humanas, quando banhadas na grande luz do Amor Universal. Deus é Amor, em todas as tradições. Antes de tudo, “Deus é uma criança frágil que necessita de nossos cuidados”, como nos lembra Leonardo Boff, e não de juízos severos como nos revelou na forma de Cristo Jesus, a encarnação do Amor e Sabedoria, quer mencionem Seu nome ou não. Pois o Mestre dos mestres está presente em todas tradições, de acordo com teóricos e práticos de todas as culturas.

Poderíamos ler o bambu que se curva num vendaval como dizendo “o meu deus cumprimenta o seu deus”: *Namastê* (em hindu). Muito obrigada, por todo o aprendizado com você, Ripper, por ter me favorecido voar com minhas próprias asas, num vôo pleno de fractais que estão me conduzindo a uma libertação, a um holos, independente das circunstâncias. Pela graça e misericórdia de Deus.